

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

Boa tarde a todos, e um agradecimento especial à Senhora Embaixadora Mary Flores pela sua presença.

Escreveu-me o Rui, (...) *o livro é um desprezioso exercício de prover o leitor português de algumas informações e análise sistemáticas e perversamente ocultadas pelos media convencionais. Foi concluído quando começava o deslocamento para o mar das Caraíbas da frota naval norte-americana (...).*

Lido o livro, apelo a que nos empenhemos na sua divulgação. Furemos o bloqueio para que o livro alcance a quem se dirige e assim se amplie o contributo de destaque que contrapõe, à narrativa predominante nos Órgãos de **Contaminação** Social, um relato documentado, rigoroso mas não desinteressado sobre o que se tem passado na Venezuela e não só.

Sublinho o **não desinteressado** porque o rigor impõe que, lá como cá, não escondamos de que lado

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

nos colocamos no confronto dos nossos dias, **a luta contra o imperialismo e o fascismo.**

Irei esmiuçar o conteúdo do livro o quanto baste para não prejudicar o vosso interesse na sua leitura e faço-o na expectativa de intensificar tal interesse.

Destacarei conteúdos que mais me chamaram a atenção por lembrarem um "dejá vue" e, ou estão conexos com o momento presente.

Deixo um sublinhado, o livro presenteia o leitor com uma reflexão estruturada do estágio atual da chamada civilização ocidental e daquilo que ela hoje é, concomitantemente com a reflexão sobre o que recolheu da observação da realidade bolivariana. Ambas as reflexões justificam *per si* uma leitura pausada do que o Autor nos oferece. Por vezes o ritmo de leitura acelera mas, **faça-se uma leitura refletida.**

É uma leitura a não perder.

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

Nas palavras que escolheu de abertura, *Venezuela, a montanha acima das nuvens*, o Autor sugere a leitura de algo que constitui uma observação para além da espuma mediática. Acertou, faz-nos pensar sobre factos que contrariam a narrativa mediática dominante e como Pedro Tadeu escreve no prefácio, *está aqui um “outro lado” raramente acessível, credível e detalhado, para estudar toda esta questão, um “outro lado” que a formulação de uma opinião justa e informada não pode dispensar.*

A narrativa mediática dominante está hoje confrontada com as suas obscuridades quando refere o sequestro pelos EUA, do Presidente Nicolás Maduro e sua esposa em 3 de janeiro de 2026 e os seus desenvolvimentos posteriores, com destaque para a inquirição do Presidente no Tribunal de Nova Iorque onde declarou *«No soy culpable, soy un hombre decente, sigo siendo el presidente de mi país»*.

Para o imperialismo não há respeito pela Lei nem pela Grei e os seus procuradores enrodilham-se

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

em palavreado para falar sobre o sequestro na impossibilidade de o justificar.

O Presidente Nicolás Maduro e sua esposa regressarão à sua Pátria e ao seio do seu Povo.

Participemos nesse movimento que muitos Povos têm em marcha. Respondamos ao apelo *É urgente defender a Paz! É urgente defender a soberania e os direitos dos povos! É urgente defender os princípios do direito internacional! É urgente a solidariedade!* [tudo] *causas fundamentais para salvaguardar o presente e o futuro da Humanidade.*

Desde já, mobilizemo-nos e mobilizemos para a participação na manifestação convocada para Lisboa no próximo dia 14 de março, pelas 15h que fará o trajeto entre a Cidade Universitária e Sete Rios.

Retornemos ao livro que o Autor define como o escrito de um estrangeiro para estrangeiros que visa contrabalançar a narrativa dos que falam da

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

Venezuela com uma violência que ultrapassa em muito a veemência de alguém genuinamente preocupado com os venezuelanos ou com qualquer eventual falta de democracia no país.

Os que aqui estamos seríamos na quase totalidade estrangeiros na Venezuela mas, lá vivem e trabalham mais de 500.000 portugueses o que por si só justifica que outra deva ser a política que o Governo português vem adotando e que se traduz de apoio às iniciativas do imperialismo ao inverso do mais que justificado distanciamento. A nossa comunidade na Venezuela merece uma política diferente por parte do nosso Governo e em consonância com o Artigo 7º da nossa Constituição em que *Portugal preconiza a abolição do imperialismo, do colonialismo e de quaisquer outras formas de agressão, domínio e exploração nas relações entre os povos [...] e reconhece o direito dos povos à insurreição contra todas as formas de opressão.*

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

O que observamos no caso da Venezuela, à semelhança de outros casos com destaque para o genocídio em Gaza, o apoio ao prolongamento da guerra na Ucrânia e o que demais recente se passa com Cuba, é que o nosso Governo se comporta em total confronto com o nosso texto constitucional e tudo isso com a cumplicidade do Presidente da República.

Partilhamos com o Autor a ideia de que *a Venezuela, com todas as suas riquezas naturais [...] está no centro nevrálgico do Grande Jogo.*

A Venezuela situa-se a oeste da pretendida nova linha divisória entre o Ocidente e o resto do mundo. Linha que se estende a toda a América do Sul, inclui a pretensão de incorporação do Canadá e da Gronelândia nos EUA e a renomeação do Golfo do México para Golfo da América.

Mais do que espaço geográfico de interesse falamos do potencial de riqueza detido por esses países e que os EUA reivindicam à revelia da História e do direito, sendo-lhes inaceitável que os Governos e

os Povos se oponham aos seus desígnios. O resto do mundo tem de se erguer contra o reavivar e intensificar do colonialismo e do imperialismo.

Nesta viagem, paro no enquadramento da contestação ao reconhecimento internacional da reeleição do Presidente Nicolás Maduro em julho de 2024¹. Na descrição de como se processam as votações na Venezuela e, no confronto com a imagem de Paulo Rangel², as minhas memórias recordam³, as palavras histriônicas do hoje Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, quando foi à Colômbia expressar o apoio ao reconhecimento de Guaidó como Presidente eleito da Venezuela⁴. São páginas interessantes pelo que nos trazem, sobre o que se tem passado na Venezuela e noutros países da América Latina⁵. São páginas cuja leitura vivamente se recomenda já que, na nossa imprensa, são notícias

¹ pp. 32 - 34

² p. 67

³ 23 de fevereiro de 2019

⁴ 2018, 1ª eleição do Presidente Nicolás Maduro

⁵ pp. 39 - 45

que quando passam, passam entre os pingos da chuva e sem destaque.

A Venezuela é uma das nações mais ricas do mundo em recursos naturais, detendo as maiores reservas comprovadas de petróleo⁶ e vastos depósitos minerais, incluindo ouro, ferro, bauxita, gás natural e minerais estratégicos.⁷ É uma riqueza estimada em cerca de 14 biliões de dólares que atrai intenso interesse geopolítico devido ao seu potencial para tecnologia e energia⁸. São recursos que os EUA querem controlar mas não controlam, como não controlam as Forças Armadas Venezuelanas por muito que se especule sobre como foi possível o sequestro do Presidente Nicolás Maduro e sua esposa.

⁶ Aproximadamente 303 mil milhões de barris.

⁷ Como o coltan (CTA), abreviação de columbita-tantalita) é um minério metálico crucial para a indústria tecnológica, composto por nióbio e tântalo. Essencial na produção de condensadores para smartphones, portáteis, baterias de carros elétricos e componentes aeroespaciais, é altamente valorizado pela sua resistência térmica e condutividade.

⁸ Consultado em 14 de fevereiro de 2026,

https://www.google.com/search?q=riquezas+naturais+da+venezuela&oq=riquezas+naturais+da+venezuela&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyCQgAEEUYORiABDIKCAEQABiABBiiBDIHCAIQABjvBTIKCAMQABiABBiiBNIBCDk3ODNqMGo3qAIAAsAI&sourceid=chrome&ie=UTF-8

Sabemos que Trump é um apaixonado pelo petróleo e que os EUA são viciados em Guerra por isso partilhamos a interrogação que o Autor nos deixa, *A quem não obriga, pois, a Venezuela a uma reflexão, sobretudo para aqueles que quiserem perceber o jogo de interesses dos sorridentes aprendizes de feiticeiro [destaque para o comentariado nacional] que vão empastelando conhecimento e consciências, em mais uma campanha de cruzada, cujo proselitismo envolve falsificações de dados, de informação, de fotos, vídeos e um coro de virgens falsamente mais ofendidas e menos coradas do que deveriam estar?*

A questão central que se nos coloca é se estamos do lado do imperialismo e dos seus aliados geograficamente dispersos e mais ou menos autocráticos ou se estamos do lado dos que lutam contra o militarismo e pela paz, pela soberania dos Povos e das Nações e, sublinho, **rejeitando as sanções** e dando prioridade à diplomacia na resolução dos conflitos.

A guerra contra a Venezuela lança mão de diversos instrumentos, assume uma miríade de expressões e tem no vetor eleitoral de apuramento da vontade dos venezuelanos um centro de gravidade que o imperialismo não descarta. Daí que, para melhor ajuizar sobre o processo eleitoral venezuelano o Autor nos leve a uma reflexão sobre como esses processos se desenrolam no dito Ocidente e até onde tem chegado a interferência para condicionamento e subversão de um apuramento genuíno da vontade dos eleitores. É um ensaio que vai muito para além da constatação de que, hoje elegemos o que nos é vendido como se de um qualquer produto de consumo corrente se tratasse.⁹

Sobre o ato de votar destaco a citação que o Autor faz de Milliband, "*O ato de votar integra-se num processo político muito mais amplo, caracterizado [...] por uma pronunciada desigualdade de influência [e de*

⁹ Descartado o perdedor Marques Mendes arranjam já um substituto diga-se, bastante mais alto. Substituto que nos entrará casa adentro, com frequência semanal, para preparar a próxima candidatura presidencial.

circunstância]. Se nos cingirmos ao próprio ato de votar, no qual predomina a igualdade formal, estamos a ocultar essa desigualdade e a servir uma função legitimadora de importância crucial”¹⁰ [sublinhados nossos].

Nesta vertiginosa viagem sobre a reflexão que se impõe no âmbito dos processos de condicionamento de opinião, vontade, decisão e voto¹¹ o Autor propõe-nos uma síntese que enuncia como *consciencialização*¹² para referir que *Talvez esteja aqui o desafio maior do nosso tempo: educar para a consciencialização (...)*.

Não será essa a questão, com mais de 200 anos, mas sempre atual, da tomada de consciência de classe¹³?

¹⁰ Miliband, (1977 [1969]), O Estado na Sociedade Capitalista p 29, citação do Autor

¹¹ pp. 48 - 61

¹² p. 61

¹³ Consciência de classe é o reconhecimento, na teoria marxista, da própria posição socioeconómica (proletariado ou burguesia) e dos interesses coletivos dessa classe. Implica compreender a exploração no sistema capitalista e organizar-se para a transformação social, essencial para a luta por melhores condições de vida e trabalho, consultado em 14 de fevereiro de 2026, aqui https://www.google.com/search?q=consci%C3%Aancia+de+classe&oq=consci%C3%Aancia+de+classe&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyDggAEEUYORhDGIAEGloFMgclARAAGIAEMgclAhAAGIAEMgclAxAAGIAEMgclBBAAGBYHjll

Numa sociedade em que a esmagadora maioria da sua população são trabalhadores por conta de outrem e em que uma muito escassa minoria deles vive à "tripa forra" servindo os detentores do capital detido por uma escassíssima parte de apátridas, observamos votações, em partidos que defendem interesses contrários aos dos cidadãos que neles votam, alcançarem percentagens muito superiores às dos partidos que mais se identificam com a defesa dos interesses da esmagadora maioria dos trabalhadores por conta de outrem, e isto acontece numa situação em que a desigualdade social, nunca como agora, foi tão contrastante desde que a partir de 1912 o coeficiente de Gini começou a ser usado para medir a desigualdade na distribuição do rendimento.

Refletindo sobre como as sociedades falam consigo mesmas, o Autor prossegue viagem abordando a terminologia que predomina na

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

sociedade venezuelana e reconhece o contraste com a nossa realidade.

Contextualizemos, no próximo dia 2 de abril celebramos os 50 anos da promulgação da Constituição da República Portuguesa. Foi uma promulgação que ocorreu no refluxo revolucionário pós 25 de novembro de 1975 e que apesar disso era uma Constituição que no seu texto elegia como alvo o socialismo para Portugal. Trago aqui palavras do Gen Costa Gomes que, para matar a serpente no ovo, decidiu deslocar-se à Assembleia Constituinte para ali mesmo promulgar a Constituição que acabara de ser aprovada, *A realização deste acto, por si só, [referia-se à aprovação da Constituição] condenou já todos os que, prossequindo insondáveis desígnios, dificultaram a atividade desta Assembleia e contestaram a sua representatividade, chegando mesmo a negar a sua própria necessidade. Para concluir assim, Eis-nos, pois, no momento decisivo de uma nova fase da caminhada em direcção à democracia e ao socialismo, na qual a Constituição que tenho a honra*

21 de fevereiro de 2026, Casa do Alentejo, Apresentação do livro
Venezuela, a montanha acima das nuvens: Uma hipótese de crónica

de promulgar é instrumento básico para a construção, em liberdade e em paz, da sociedade que ambicionamos para todos nós em Portugal.

As revoluções aceleram o tempo histórico e as contra revoluções têm efeito inverso e colocam a sociedade a caminhar em sentido oposto, por isso não surpreende que a terminologia hoje predominante na sociedade portuguesa seja a que emerge do culto da riqueza, da meritocracia, do individualismo desenfreado em contraste com liberdade, paz, recusa e condenação do fascismo, socialismo, solidariedade e vontade coletiva, partilha e inter ajuda, defesa do bem público, reconhecimento do valor do trabalho e dos trabalhadores, da importância da reforma agrária e do controlo operário, nacionalizações, democratização do ensino e escola pública, saúde universal e gratuita, segurança social universal e pública e o mais que predominou na comunicação em Portugal durante a Revolução de Abril.

O consenso neoliberal produziu sucessivas revisões constitucionais mas ainda não conseguiu a Constituição que almeja e o óbice não está no preâmbulo mas em muitas outras questões como sejam o que a Constituição define como tarefas fundamentais do Estado, os direitos dos trabalhadores, a obrigatoriedade da submissão do poder económico ao poder político, a defesa da Paz, e os conteúdos da Constituição que corporizam mecanismos de defesa do regime democrático.

Ao fazer o contraste entre a terminologia predominante nas ditas democracias ocidentais e a República Bolivariana Rui Pereira leva-nos numa viagem sobre aquilo a que estamos expostos numa sociedade destinada não a produzir riqueza e a eliminar a pobreza mas a produzir apenas ricos¹⁴ e refere extensivamente Luciano Canfora e as suas reflexões sobre a comunicação em tais sociedades e os seus efeitos sobre as populações, eleições,

¹⁴ Palavras em que o Autor nos remete para Mia Couto.

resultados, a redução do debate a, mais produtos = a mais felicidade e onde "Os *grandes criadores de publicidade são, portanto, os verdadeiros e, a seu modo, geniais 'intelectuais orgânicos' da vencedora ditadura da riqueza*".

A análise ao contraste da terminologia predominante nas sociedades ocidentais e na República Bolivariana¹⁵ pode ser condensada na citação seguinte: *Esta síntese do que poderiam ser os contornos concretos de uma teoria contemporânea da alienação, está tão presente nas sobranceiras sociedades europeias, quanto ausente na atmosfera intelectual que se vive e respira na Venezuela e na gramática da sua revolução*, sublinhado nosso.

Uma análise genérica do panorama politico-comunicacional das sociedades atuais¹⁶ precede a análise, neste âmbito, da situação venezuelana que resume assim: *Existe, ... uma teoria e uma práxis comunicacionais basistas que se desdobra pela ação*

¹⁵ Citado pelo Autor, Canfora, Luciano (2007 [2004]), Democracia, História de uma Ideologia, pp. 293 - 296

¹⁶ pp. 76 - 81

comunicativa de milhares de jornalistas e comunicadores locais, que operam (...), numa nação dez vezes maior que Portugal, com o triplo da sua população, e onde vivem, falando as suas respetivas línguas, 34 comunidades étnicas, às quais é assegurada representação parlamentar e reconhecimento de direitos linguísticos. Isto é importante, se pensarmos por exemplo que a França” [...] ainda hoje não reconhece a Carta da ONU sobre Direitos Linguísticos das minorias nacionais. Não creio, em todo o caso, que o sistema que, na Venezuela, os medeia, ou seja, o dispositivo institucional, cultural e político que qualquer sociedade moderna encontrou para falar consigo mesma, consiga escapar às determinações e constrangimentos que esse mesmo dispositivo encontra em qualquer outra parte do mundo. O que não apresenta é, contrariamente ao que temos por cá [Portugal], a reivindicação catequista de uma

moralidade que não possui e que até recentemente nos habituámos a ouvir chamar “objetividade”¹⁷.

Contextualizada no tempo-espaço a realidade Venezuelana e como a sociedade se reflete a si mesma somos conduzidos para a descrição do que tem sido a guerra movida à Revolução Bolivariana, pelos EUA e seus aliados.

Com Hugo Chavez eleito em 1998 a hostilidade dos EUA e aliados manifestou-se das mais diversas formas e foi em crescendo durante todo o período da sua Presidência (1999 a 2013). Em 2015, já com Nicolás Maduro a Presidente e com Barack Obama na Presidência dos EUA, a Venezuela é declarada uma "ameaça à segurança nacional". Mas, desde 1998 que os EUA e aliados, com destaque para a União Europeia, praticaram coordenadamente um conjunto de políticas hostis à Venezuela.

Como referimos atrás a guerra contra a Venezuela lança mão de diversos instrumentos e as **sanções** são o instrumento de eleição só intervalado

pelo sequestro do Presidente Nicolás Maduro e sua esposa. Os efeitos das sanções recaem com brutalidade inaudita sobre a população venezuelana que nisso acompanha a população cubana.

Globalmente e segundo um estudo da Lancet Global Health, citado por Raquel Ribeiro, “*sanções unilaterais impostas pelos EUA e pela UE desde 1970 estão associadas a 38 milhões de mortes*”¹⁸. No mesmo artigo é citado o blogue do investigador Jason Hickel que refere, “*Mais pessoas são mortas por sanções a cada ano do que vítimas directas de guerra. Mais de metade das vítimas são crianças e idosos, [...] só desde 2012, as sanções mataram mais de um milhão de crianças.*” Falamos de sanções e seus efeitos, não estamos a falar de genocídio e *crime contínuo*¹⁹ como sucede em Gaza.

¹⁸ Citado por Raquel Ribeiro https://www.contacto.lu/mundo/cuba-uma-guerra-sem-bombas/131517364.html?fbclid=IwY2xjawP-15BleHRuA2FibQIxMQBzcnRjBmFwcF9pZBAyMjIwMzkxNzg4MjAwODkyAAEeIFUETwc1DbRTUrECb6qh1yQkr0OSHLAiePYygyftRez75zxxQEz0YKQPPnQ_aem_ad4gYfn74c-ta9Uzdd4P9A. consultado em 15 de fevereiro de 2026

¹⁹ Palavras recentes de Francesca Albanesa.

Seguramente que, nestes números publicados num texto que aborda a presente situação cubana e destaca a problemática das sanções, há uma razoável fatia de cidadãos venezuelanos.

E o efeito das sanções no desenvolvimento?

Se observarmos a evolução do índice de desenvolvimento humano que as Nações Unidas regularmente publicam para um universo de cerca de 200 países, os dados de 2023 exibem como mais desenvolvida a Islândia, seguida da Noruega, Suíça, Dinamarca, Alemanha, Suécia, Austrália, Hong Kong, Países Baixos e Bélgica, por esta ordem nos 10 primeiros, os EUA ocupam o 17º lugar, Portugal figura no 46º entre a Croácia e a Lituânia e a Venezuela aparece em 121º ladeado por Samoa e Marrocos. Este índice é uma evolução do redutor índice associado à distribuição da renda que foi sendo usado até final dos anos 90. É uma evolução no essencial devida a Amartya Sen e resulta da ponderação de quatro parâmetros: a esperança de vida à data do

nascimento; os anos esperados de escolaridade; a escolaridade média verificada e o rendimento per capita comparado em termos de poder de compra referenciado a determinado ano.

No caso da Venezuela a comparação dos valores destes parâmetros entre 1990 e 2023 permite destacar o crescimento da escolaridade média verificada de 4,4 anos enquanto que no mundo tal crescimento foi de 2,7 anos (quase metade do verificado na Venezuela).

Em contraste, na Venezuela observa-se a drástica redução do rendimento per capita para menos de metade enquanto que no mundo quase que duplicou. Quanto deste resultado se fica a dever à guerra das sanções?

Ano	1990	2000	2010	2015	2020	2021	2022	2023
Mundo	0,608	0,651	0,707	0,731	0,742	0,742	0,752	0,756
Venezuela	0,658	0,703	0,764	0,768	0,699	0,696	0,706	0,709

Apesar de toda essa ofensiva, entre 1998 e 2015 a Venezuela acompanhou a progressão mundial do índice e a partir daí apresentou uma quebra para em 2023 se situar em 0.709 (quarenta e sete

milésimos abaixo do valor mundial numa tendência de recuperação acima do valor de 2020 onde fora de 0.699)²⁰.

Que resultados teriam sido alcançados no aumento da distribuição do rendimento às famílias, no aumento da esperança de vida, no alargamento da escolaridade obrigatória e no aumento da escolaridade média se essa guerra sancionatória não estivesse presente e continuasse em escala cada vez maior? Quantas mortes poderiam ter sido evitadas? Quantas crianças poderiam ter tido uma infância com menos privações?

O imperialismo e os seus arautos na sociedade venezuelana estão pouco preocupados com a resposta a estas questões.

O Autor apresenta-nos um manancial de informação sobre o que se abateu sobre a República

²⁰ chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://hdr.undp.org/sites/default/files/2025_HDR/HDR25_Statistical_Annex_HDI_Trends_Table.pdf, consultado em 15 de fevereiro de 2026

Bolivariana²¹ com a finalidade de provocar uma mudança de regime. Foi mais de um milhar de sanções cujos efeitos foram principalmente sentidos pela população em todos os domínios da vida e por cá, a extrema direita *ungida como democrática, pedia ainda [a intervenção na Venezuela] das milícias de extrema-direita da vizinha Colômbia, os esquadrões da morte anticomunistas*²².

A oposição venezuelana imputa ao Governo as responsabilidades pelas dificuldades sem ponderar tais imputações com os resultados das sanções e do intervencionismo imperialista. Concomitantemente, várias organizações não governamentais recorrentemente referem atos criminosos como manifestações de oposição ao Governo.

No patamar superior dos diferentes instrumentos a que o imperialismo recorreu até hoje, incluem-se as infundadas acusações feitas ao Presidente Nicolás

²¹ pp. 84 - 104

²² pp. 88 - 89

Maduro que foram expediente para o envolvimento das Forças Armadas dos EUA e outras agências federais na execução da modalidade de ação traduzida no sequestro do Presidente e de sua esposa.

Nós não esquecemos como foi "Quando Portugal ardeu" por isso não nos é difícil imaginar como foram e serão estes tempos da Revolução Bolivariana e bom seria que os responsáveis da União Europeia fizessem uma revisão da história contemporânea para terem presente o que os EUA têm feito depois de anunciarem que "*estão a perder a paciência com*" (...) ²³.

²³ Consultado a 15 de fevereiro de 2016

https://www.google.com/search?q=Os+eua+est%C3%A3o+a+perder+a+paci%C3%A2ncia+com+a+europa&sca_esv=9d6c1932d2d26a07&biw=1201&bih=804&ei=gxySaZKJO_Xt7M8PveSgiQM&ved=0ahUKEwjS1vLcm9ySAXX1NvsDHT0yKDEQ4dUDCBM&uact=5&oq=Os+eua+est%C3%A3o+a+perder+a+paci%C3%A2ncia+com+a+europa&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniAIME9zIGV1YSBlc3TD028gYSBwZXJkZXIgaSBwYWNpw6puY2lhIGNvbSBhIGV1cm9wYTIIEAAYgAQYogRI5jBQnwpY-BBwAXgAkAEAmAFsoAGwCaoBBDExLjK4AQPIAQD4AQGYAgKgAsoBwgIFEAAY7wWYAwCIBgGSBwMxLjGgB9IvsgcDMS4xuAfKAcIHazAuMsgHA4AIAA&scient=gws-wiz-serp

O insucesso da guerra económica à Venezuela poderá ter prenúncio nos indicadores referidos para o desempenho da sua economia e que se reportam a 2024/2025, é uma avaliação ancorada em números do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento que previu um crescimento de 4,2% para 2024 (o mais elevado da região pelo terceiro ano consecutivo e o dobro do previsto para a América Latina). O câmbio do dólar regrediu de 637 bolívares em 2018 para 36 em 2024 e a receita fiscal do 1.º trimestre de 2024 registou um aumento de 161% em relação à de 2023. *Face a estes números, alguns economistas começaram a falar de "milagre venezuelano".*²⁴

Será que foi por isso que desencadearam o sequestro do Presidente Nicolás Maduro e de sua esposa?

Lá como cá...Os poderes de novembro empenharam-se na destruição da Reforma Agrária porque os seus resultados iriam dar razão ao Partido Comunista e esses não podiam ter razão.

Se recordarmos antecedentes imediatos de novembro no nosso País, também observadores internacionais referiram que estavam surpresos com o comportamento da economia portuguesa. Não saberiam é que estava em marcha acelerada o ascenso dos poderes de novembro que desencadearam o processo contra revolucionário que ainda hoje vivemos e ao qual resistimos.

A luta contra a exploração do homem pelo homem é fundamental e, circunstancialmente, debatemo-nos hoje com uma questão central derivada da anterior, o combate contra o retorno do fascismo. Saudemos os resultados das recentes eleições para a Presidência da República mas não desarmemos.

25 de Abril sempre, fascismo nunca mais!

²⁴ p. 104, Citando Calle Vladimir.

Agradeço a paciência com que me acompanharam e para encerrar permito-me citar o Autor, *Nesta luta, de um quarto de século sob a forma do Chavismo e do Antichavismo, tem valido muita coisa. Quase tudo.*²⁵

Reitero...uma leitura a não perder!

Exijamos o libertação do Presidente Nicolás Maduro e sua esposa!

Viva à República Bolivariana!

Muito obrigado a todos e em especial ao Rui que me concedeu esta oportunidade.

Disse!